S. PAULO (BRASIL) — Sabado, 10 de outubro de 1914 — ANNO XIII — N. 264

Publica-se aos sabbados
Sob os auspicios da Liga Anticlerical do Rio

ASSINATURAS:
ANNO . . . . . . . . 10$000
SEMESTRE . . . . . . 6$000

PAGAMENTO ADIANTADO
Nas assinaturas para o exterior ha a diferença do porte do Correio.

# A Lanterna

ANTICLERICAL E DE COMBATE

DIRECTOR:
EDGARD LEUENROTH
Redacção e administração
Largo da Sé n. 5 (Sobrado)
CAIXA POSTAL, 195
*Endereço telegrafico:* LANTERNA
Toda correspondencia ao director

## Ferrer e o ensino racionalista

A periodicidade traz-nos outro 13 de Outubro.

Em honra de Ferrer e em testemunho de respeitosa consideração, suspendo a minha pobre e ainda dolorosa actividade diaria, mecanica, rotineira e necessaria, para o recordar e pensar na sua obra.

Um simples confronto, posto por Portet, seu herdeiro, nas primeiras paginas de *La Escuela Moderna* (postuma explicação e alcance do ensino racionalista) dá ideia do alto valor moral de Ferrer como homem:

O suposto filho de um dos muitos deuses criados pelo homem é condenado á morte, em conformidade com as leis do seu paiz, acusado de querer proclamar-se rei. Vai morrer... Gerado, como todos os deuses, pelo medo e pela ignorancia, ante a força e a realidade da morte desfalece, treme, perde a fé, renega a sua confiança naquele que o enviou para redimir a humanidade e, cheio de pavor, exclama: «Pai, Pai! porque me abandonaste?»

O filho do livre pensamento, da moral sem sanção, é condenado á morte inculpado de se ter rebelado contra um rei. Levam-no para o Gólgota, para o Castelo Maldito, e põem-no ante o pelotão de execução. Vai morrer.

Desfalecerá esse filho do homem? Perderá a sua fé naquele que o enviou, no livre exame, para dizer á humanidade: Sê livre?

Sereno, tranquilo, de pé, com os olhos vendados á força, mas com a vista no porvir, afirma a sua obra, defende a sua razão, ergue-se ante a morte e lança um grito de combate e de vitoria: Viva a Escola Moderna!

Deste confronto ressalta o homem cuja memoria ha de honrar sempre o mundo liberal.

Um paragrafo do programa da Escola Moderna, lançado a publico para atrair clientela, condensa com perfeita clareza o objecto e a finalidade do ensino racionalista.

Nem dogmas nem sistemas, moldes que reduzem a vitalidade á estreiteza das exigencias duma sociedade transitoria que aspira a definitiva; soluções comprovadas pelos factos, teorias aceitas pela razão, verdades confirmadas pela evidencia, eis o que constitui o nosso ensino, encaminhado para que cada cerebro seja o motor duma vontade, e para que as verdades brilhem por si em abstracto, arraiguem em todos os entendimentos e, aplicadas na pratica, beneficiem a humanidade sem exclusões indignas nem exclusivismos repugnantes.

Que foi que suscitou, impulsou e determinou a vontade de Ferrer á criação da Escola Moderna, para nela dar esse ensino racionalista, destinado a dissolver as massas de abulicos crentes que formam as multidões sectarias das religiões, dos sistemas e dos partidos, afim que *cada cerebro* ilustrado e livre *fosse o motor duma vontade?*

Ele mesmo o diz no seu livro postumo, paginas 24 e 25.

A ninguem chocava o absurdo dominante pela incongruencia que existe entre o que se crê e o que se sabe, nem ninguem ao menos se preocupava de dar uma forma racional e justa á solidariedade humana, que desse a todos os vivos de cada geração a participação correspondente no patrimonio criado pelas gerações anteriores.

Vi o progresso entregue a uma especie de fatalidade, independente do conhecimento e da bondade dos homens, e sujeito a vaivens e acidentes em que não tem parte alguma a acção da consciencia. O individuo, formado na familia com seus desenfreados atavismos, com os erros tradicionais perpetuados pela ignorancia das mães, e na escola com coisa pior do que o erro, isto é, com a mentira sacramental imposta pelos que dogmatizam em nome duma suposta revelação divina, entrava na sociedade deformado e degenerado, não se podendo exigir dele por logica relação de causa a efeito, mais do que resultados irracionais e perniciosos.

A paginas 37 e 38 do citado livro lêem-se as seguintes singelas e sensacionais manifestações da sua consciencia revolucionaria:

Sentia-me sob o peso duma responsabilidade livremente aceita e quiz cumpri-la com satisfação da minha consciencia.

Inimigo da desigualdade social, não me limitei a lamenta-la em seus efeitos, quiz tambem combate-la em suas causas, seguro de que por esse modo se ha de chegar positivamente á justiça, isto é áquela ansiada igualdade que inspira qualquer afã revolucionario.

Se a materia é uma, incriada e eterna; se vivemos num corpo astronomico secundario, inferior a incontavel numero de mundos que povoam o espaço infinito, como se ensina na Universidade e como podem saber os privilegiados que monopolizam a sciencia universal, não ha razão nem pode haver pretexto para que na escola de primeiras letras, a que o povo assiste quando a ela pode assistir, se ensine que Deus fez o mundo do nada em seis dias, nem toda a colecção de absurdos da lenda religiosa.

A verdade é de todos e socialmente se deve a toda a gente. Pôr-lhe preço, reserva-la como monopolio para os poderosos, deixar em sistematica ignorancia os humildes e, o que é pior, dar-lhes uma verdade dogmatica e oficial em contradição com a sciencia para que aceitem sem protesto o seu infimo e deploravel estado, sob um regime politico democratico, é uma indignidade intoleravel, e do meu lado acho que o protesto mais eficaz e a acção revolucionaria mais positiva consistem em dar aos oprimidos, aos deserdados e a quantos sintam impulsos justiceiros essa verdade que lhes é defraudada, determinante das energias suficientes e necessarias para a grande obra da regeneração da sociedade.

Convêm ao meu proposito consignar aqui a seguinte passagem da defesa de Ferrer perante o Conselho de guerra pelo capitão Galceran:

Esta campanha é dirigida principalmente contra a pessoa de Ferrer por odio e temor á educação dada á classe operaria, quer na Escola Moderna, que se conseguiu encerrar ha tempos, quer na série de livros publicados pela casa editora por ele fundada, por temor, repito, de que com a ilustração os desesperados se enobreçam e sacudam jugos indignos da raça humana.

Aí fica, sem frases declamatorias e com traços verdadeiramente positivos, desenhada a personalidade assim como o ideal de Ferrer, tendo eu apelado para este recurso por me parecer que era o mais adequado ao meu intento sem ter de faltar á sua ultima vontade, expressa no fecho do seu testamento pouco antes da sua morte:

Desejo que em nenhuma ocasião, nem proxima nem remota, nem por um nem por outro motivo, se façam manifestações de caracter religioso ou politico diante dos meus restos, porque entendo que melhor seria destinar o tempo empregado com os mortos a melhorar a condição dos vivos, tendo disso grande necessidade quasi todos os homens.

Fugindo de produzir vão efeito sugestivo e desejando ser motivo determinante de boas vontades, ponho termo a este trabalho, rogando aos meus leitores e camaradas a quem interesse a memoria de Ferrer que se concertem para a honrar, contribuindo para pôr o ensino racionalista ao alcance do maior numero possivel de trabalhadores sumidos no abismo da ignorancia, da exploração e do servilismo, afim de os elevar á digna condição de conscientes e energicos lutadores pelo ideal.

Tal é a recordação que, como singelo ramilhete de amores-perfeitos e sempre-vivas, deposito sobre o tumulo de Francisco Ferrer.

**Anselmo Lorenzo.**

## BOA RESPOSTA

Ha tempos, o imperador alemão foi visitar um quartel de Spandau, entrando numa caserna onde se estava ministrando a instrução aos recrutas. O *kaiser* ouviu com muito interesse as varias perguntas e respostas aos soldados.

— Quem vos promove no exercito? interrogou ele.

— Vossa Majestade, responderam em coro os recrutas.

— Bem! E como é que eu firmo os documentos?

— Guilherme II, respondeu prontamente um dos interpelados.

— Está bem, mas falta alguma coisa.

Após uma breve pausa, um soldado diz:

— Faltam um I e um R.

— Muito bem. Mas que significa o I?

Nova pausa mais demorada. Por fim, um recruta responde:

— Significa *Imperator*.

— Bravo! E que quer dizer *Imperator?*

Embaraço geral. Durante dois minutos, ninguem ousa respirar. De repente, um robusto camponez da Pomerania perfila-se todo e diz com segurança:

— Imperator é o nome duma batata temporã.

13 DE OUTUBRO DE 1909

## Manifesto da Liga Anti-clerical do Rio de Janeiro

**Livres pensadores!**

Esta data lembra o suplicio de um dos nossos. Na pessoa de Francisco Ferrer, ha cinco anos, a reacção clerical riscou impiedosamente, com uma descarga, nos fossos de Montjuich, a monstruosa Bastilha que tantas vidas tem visto extinguir-se no meio de atrozes tormentos dentro dos seus sinistros muros, como se ainda vivessemos na idade média, riscou, diziamos, do numero dos vivos, cheio ainda de vida, um dos mais ardentes, um dos mais corajosos combatentes da grande causa dos oprimidos.

E porque assim fizeram?

Porque, matando o fundador da Escola Moderna, fazendo fuzilar o esforçado educador racionalista da juventude proletaria, pensavam os seus assassinos, embora encobertos com o falso manto da justiça, levar o terror, o *salve-se quem puder* ás nossas fileiras!

Porêm bem depressa tiveram de constatar o erro em que cairam, porque mais compactas, mais numerosas tornaram-se essas fileiras: novos e entusiastas companheiros, movidos pelo mesmo ideal vieram substituir os que como Ferrer tombaram em defesa da liberdade de pensamento, em defeza da afirmação, tão deturpada, dos DIREITOS DOS HOMENS, legado maior dos revolucionarios que nos precederam ha pouco mais de um seculo.

Ferrer, vivo, teve a sorte invejavel de atrair sobre a sua pessoa os odios dos reaccionarios do mundo inteiro. Morto, ha cinco anos, a sua sombra ainda leva o terror, o desassocego ás hostes negras do jesuitismo internacional.

Camaradas!

Nesta hora sombria em que os homens transformados em féras, em que o sangue de milhares de seres pensantes jorra sobre a superficie dos continentes e dos mares do nosso planeta, justamente porque eles permanecem ainda mergulhados nas trevas da ignorancia em que as diferentes religiões os mantêm ha tantos seculos, temos o imperioso dever de não calar a nossa voz, de protestar, de gritar bem alto o horror que nos inspira uma tão grande, tão abominavel carnificina.

Nós os livres-pensadores, nós os libertarios fomos impotentes, é certo, para evitar a grande desgraça que com o coração a sangrar assistimos sem que ao menos possamos atenuar-lhe os terrificos efeitos; porêm não nos deixaremos dominar pelo desanimo de uma aparente derrota.

O horrivel furacão de ferro e fogo que ora sopra furiosamente sobre a humanidade atonita, é nossa convicção profunda, deixará após a sua passagem uma tal devastação, uma impressão tão grande de horror que certamente os proprios que o desencadearam serão os primeiros a se verem perseguidos pelo remorso. E então quem sabe se a Concordia apoiada na Razão, na Justiça e na Liberdade não virá fundar enfim sobre a terra a idade de ouro com que sonhamos.

Entretanto urge estarmos de pé, vigilantes, porque a crise actual é gravissima, e se a reacção triunfar ninguem sabe até que ponto retrogradaremos.

Tivesse a voz de Ferrer e de tantos outros sido ouvida e não deplorariamos o espectaculo assombroso que nos descrevem as noticias que nos chegam dos paizes ora conflagrados. Ninguem portanto ousará dizer que fomos nós os seus autores.

Camaradas, a Liga Anti-clerical vos convida a assistir a uma sessão de protesto e de propaganda no dia 13, ás 18 horas, em local previamente designado.

Vinde contribuir com a vossa presença para que ela seja uma afirmação solene da intransigencia com que sustentamos o grande ideal pelo qual morreu, nesse dia, um dos seus mais lidimos defensores.

*Rio, 5 de outubro de 1914.*

DE PARIS

## Carolices de guerra

Como todos os meus congeneres, inclusivé Haeckel e o papa Benedito XV, ignoro se o eterno Cosmos, no seio do qual vivemos a nossa vida efemera, possui como nós, e mesmo melhor do que nós, uma consciencia. E' muito possivel e não vejo por que motivo só no animal humano (ruim animal: para prova, Guilherme II e Francisco José) havia a materia organizada de ter o previlegio de sentir e pensar.

Seja como for, são permitidas todas as hipoteses neste ponto que a sciencia ainda não elucidou, se é que ela o ha de jamais elucidar!

O que é revoltante não é ser espiritualista, materialista ou agnostico; é jactanciosa pretensão ostentada por alguns figurões de deterem infalivelmente o monopolio da verdade. Pretensão bem encorajada, é certo, pela incrivel cegueira do rebanho humano, sempre pronto a ajoelhar diante do absurdo, engolindo sem parar as petas dos impostores com a mesma imperturbalidade no tempo e no espaço.

Tendo os homens fabricado deuses á sua imagem, isto é, estupidos e crueis, era inevitavel que lhes prestassem as suas paixões selvagens, convidando-os a intervirem nas suas matanças. Thor entre os escandinavos, Ares-Marte entre os greco-latinos, tal qual o feroz Jeová dos semitas, eram superbandidos bastante repugnantes.

Não é, pois, estranho que o deus cristão seja por sua vez invocado simultaneamente pelo catolico imperador Francisco José, pelo ortodoxo tsar Nicolau II e pelo protestante kaiser Guilherme II, rogando cada um deles a esse ser de bondade e mansidão infinitas que faça morrer centenas de milhares de homens, e se possivel for milhões.

Como deve estar perplexo esse bom Deus!

Mas que, na França que está ainda em republica a despeito dos defensores do trono e do altar; na França de Voltaire e Diderot e da Revolução, se aproveitem as presentes hecatombes, os exterminios sangrentos, as ruinas e a miseria, para nos embrutecerem e clericalizarem, para nos reconduzirem mui suavemente ao Syllabus e tratarem de nos amarrar amanhã, alto lá!

Não teremos a ingenuidade de sentir admiração vendo o conde de Mun no governo em que se acham os cidadãos Guesde e Sembat. No ministerio da

guerra era preponderante desde o inicio a sua influencia; mais vale, por certo, que tal influencia seja oficial do que oculta. Demais, é talvez ao ex-oficial de cavalaria, competente em questões militares, mais do que ao versalhez e ao fundador dos centros operarios catolicos que se fez apelo. Assim faço por acreditar pelo menos.

Como quer que seja, lembremo-nos da frase celebre: «Os brancos hão de ser sempre os brancos, os azuis hão de ser sempre os azuis».

Os verdadeiros azuis, os que lutavam a um tempo contra a invasão dos «reis conjurados» e contra os realistas seus auxiliares; os que, meio seculo depois, em seguida á hipocrita benção das alvores da liberdade, protestaram contra a infame expedição romana, mais tarde contra Mentana; os que, em julho de 70, como nós em julho de 1914, clamavam: «Viva a paz!» e que, dado o desastre, posta a liberdade em perigo, reclamaram a «guerra a todo o transe» como a queremos hoje, esses azuis, filhos da grande Revolução, transformaram-se nos vermelhos, vanguarda dos tempos futuros.

Vermelhos, meus amigos, estejamos atentos. Num prurido de união seja como for, confrades dantes camaradas nossos multiplicaram as ofertas ao clero que nunca teve senão um sonho: deportar a maltrapilha liberdade para um desses *in-pace* donde nunca mais se volta. E hoje admiram-se candidamente de que os empurrem cada vez mais para a direita!

Desconfio muito do que está escondido por trás dos *apelos ao bom Deus*.

—

Se temos que morrer em Paris, parece-me bem que ha de ser em cheiro de santidade.

Ouvi um ingenuo — um proletario — falar com entusiasmo das simpatias do novo papa pela França.

Não sei absolutamente quais são as ideias de Benedito XV, nem mesmo se tem ideias; mas, á sua ajuda espiritual, tomaria eu a liberdade de preferir a ajuda material de cem mil franceses ou ingleses bem armados.

Tambem se fala muito de Santa Genoveva, que nunca mais dera sinal de vida desde a sua morte, isto é, de ha mil e quatrocentos anos para cá. Lembra-nos isto tristemente o Trochu de 70, que professava por esta pessoa defunta uma devoção particular e considerava as novenas o mais eficaz meio de defesa.

Trochu! Este participio passado do verbo «trop choir» (cair demais), como lhe chamou Vitor Hugo, era muito menos laconico e vigoroso do que o general Galliéni. As suas proclamações, disse graciosamente o Trombinoscope, que cito de cor, eram modelos de alegria funebre... Expremiam-se mais ou menos assim: «Soldados! Vamos precipitar-nos sobre as linhas inimigas para as furar. Acho que isto é perfeitamente inutil: nunca as furaremos. Avante! e lembrai-vos de que só por milagre não seremos batidos. Deus e Santa Genoveva nos protejam!»

*Paris, 13 de setembro de 914.*

**Carlos Malato.**

**Anti-clericais!**
**Livre-pensadores!**

ORGANIZAI OS VOSSOS GRUPOS

*E' necessario fundar a Federação Brazileira do Livre-Pensamento.*

## Aos nossos assinantes

**Da linha Paulista**

*Começa terça-feira a percorrer as localidades servidas pela linha Paulista o nosso companheiro Antonio Abranches da Rocha.*

*Ficam, portanto, os amigos e assinantes dessa zona avisades.*

*A Lanterna vivendo exclusivamente do auxilio dos seus assinantes, estes não podem deixar de contribuir pontualmente com a modesta importancia de sua assinatura.*

*Apesar da epoca não ser das mais folgadas, com um pouco de boa vontade todos poderão saldar os seus debitos.*

*E se isso não fizerem, porão em perigo a existencia de um orgão indispensavel para a nossa propaganda que tantos sacrificios tem custado para ser mantido.*

*O nosso companheiro visitará em primeiro lugar e na devida ordem as localidades seguintes:*

*S. Carlos, Araraquara, Matão, Taquaritinga, Jurema, Candido Rodrigues, S. João de Ariranha, Pindorama, Ignacio Uchôa, S. José do Rio Preto, etc.*

## "A Lanterna"

Mais um aniversario. Um ano mais. E são já cinco. Vencido está, pois, o primeiro lustro da presente fase.

Da praxe é, sempre que se encerra o ciclo gregoriano, fazer um balanço das energias empregados e dos resultados obtidos na vida da folha.

Mas nós faltamos ao tradiciona habito. Que resultaria do nosso esforço para conseguirmos dizer, sumariamente embora, o que foram esses anos de luta? Seria possivel enumerar as batalhas sustentadas com todas as suas mil peripecias? Ainda que o conseguissemos, que adiantariamos?

O que importa é saber o que ha a fazer, reunir esforços, enfechar energias e caminhar para a frente.

Depois, sabem todos — porque devem saber, porque é preciso que o saibam — os interessados na nossa obra o que é a vida de um periodico de propaganda iconoclasta, de combate desabrido á velharia oprobriosa que por aí domina.

Satisfações indiziveis e imaginaveis dissabores; escassez extrema e permanente de recursos e riqueza incalculavel de esperanças novas e animadoras; vida activa, perene labutar — tal é a historia do periodico rebelde.

E esse foi o viver da *Lanterna*. E essa continuará a ser a sua existencia.

Avançar sempre, levantando barricadas, umas após outras derrubadas, atacar incessantemente o inimigo, não lhe dar treguas favorecedoras — foram as intenções que nos animaram quando entregámos ao gavroche irreverente o primeiro numero da folha — e outros não são os propositos que alimentamos no critico momento em que ela completa o seu quinto ano de pontual publicação.

Verdade é que este seu aniversario decorre numa situação angustiosa.

Vai pelo paiz e pelo mundo uma crise tremenda. A penuria e a miseria assentaram tenda entre a gente do povo. E é do povo que se alimenta a propaganda, e é do povo que vive a *Lanterna*.

Embaraçadora, extremamente embaraçadora é a sua situação actual.

Entretanto, ela precisa e deve viver, apesar de tudo e agora mais do que nunca.

Ha muita miseria a pôr em claro; as mistificações a desfazer não faltam. E a esperança de dias melhores deve ser alimentada para que se firme a vontade decidida de batalhar para a vitoria derradeira.

Assim pensamos nós, assim estamos dispostos a agir.

Que pensam os companheiros, os amigos e os assinantes da *Lanterna*?

Que é preciso manter a obra, desenvolvendo-a, dando-lhe mais vigor, estendendo-a sempre, não é verdade?

Pois então, a trabalhar, amigos. E sem hesitações, com energia e espontaneidade!

Cinco anos estão vencidos, mas eles representam apenas um instante no nosso caminhar em busca do ideal acalentado.

Para a frente, pois!

## ONDE ESTA' MANUEL CAMPOS?

Silencio, silencio criminoso.

Não é á policia, representada num despota Bias, nem á burguesia usurpadora que neste momento tragico eu venho censurar.

Não me causa estranhesa, nem deve causar a todos nós, a acção reaccionaria desenvolvida presentemente pelas autoridades despoticas e vandalicas. O que me causa admiração é o vergonhoso, o criminoso silencio em que nos mantivemos e continuaremos a manter, se uma iniciativa qualquer não nos vier arrancar a esta enervadora inercia.

Será possivel, camaradas de Santos, que deixemos apodrecer nas masmorras burguesas um companheiro de luta, nós que nos temos erguido por mais de uma vez nas ocasiões em que a solidariedade operaria tem tornado isso necessario?

Manuel Campos foi sempre um companheiro que conosco compartilhou das alegrias das vitorias, dos dissabores das derrotas e das peripecias duma perseguição mesquinha.

Não é logico, pois, que o deixemos esquecido na solidão do carcere.

Eu, por meio desta, corroborando a campanha mantida por este jornal, chamo para o caso a atenção dos companheiros de S. Paulo e do interior, concitando-os á agitação, a sairem para a praça publica afim de protestar contra o sequestro do nosso companheiro.

Os camaradas de Santos devem ver que é necessario nos movermo, e movermo-nos com decisão neste momento em que a burguesia quer vingar-se, valendo-se da situação critica que atravessamos.

Podia me alongar mais, ser mais claro, mas temo melindrar os meus irmãos de lutas aqui residentes.

Fico, portanto, por aqui, certo de que nos agitaremos até ver Manuel Campos em liberdade.

*Santos — Outubro.*

**Manuel Perdigão.**



## A CRIMINALIDADE CLERICAL

UM CADASTRO EDIFICANTE — ATENTADOS AO PUDOR — MAUS TRATOS CONTRA VELHOS E CRIANÇAS — BURLAS E FALSIFICAÇÕES

Não deixa de ser interessante a estatistica das condenações decretadas pelos tribunais franceses, durante o ano de 1900, contra padres, frades, freiras e aderentes. Os crimes em maior numero, perpetrados por semelhantes personagens, são os atentados contra o pudor de menores nas casas religiosas.

OUTUBRO

Condenação do padre Lorey, cura de Villardin, pelo tribunal correcional de Nogent-sur-Seine, a cincoenta francos de multa, por vias de facto e violação do domicilio duma mulher.

— Condenação do padre Demesmay, pelo tribunal de Besançon, a 2 mezes de prisão, por aparecer a uma janela praticando actos imorais, depois de haver tentado atrair inutilmente, á sua cela, um joven aprendiz.

— Condenação do padre Lambert, em Warcq, a cem francos de multa por ultrajes publicos contra o pudor.

— Condenação do padre Chapuis, a 6 mezes de cadeia, por ter sido encontrado no recinto da Exposição, praticando actos contra o pudor com um arabe.

## A GUERRA

O geiser efervescente da vida politica europeia, depois de varias e sucessivas tormentas, não mais se pôde conter e, irrompendo em subita erupção, acaba de, aos olhos das nações atonitas, lançar o jacto lamacento da calamidade sobre o velho mundo.

Assim como o fenomeno geologico, a conflagração actual da Europa, alastrou-se precipite e no momento em que as atenções estavam absortas na contemplação de emoções outras. Se, porêm, compararmos o fenomeno e o facto encontraremos dois aspectos assaz opostos.

Como o geiser, a guerra estoura e celere inicia a devastação do que está ao alcance da sua vindicta: o mesmo não acontece com suas origens. A fonte de agua fervente brota impetuosa das camadas profundas do globo, cuja composição ignescente motiva o aquecimento natural do liquido, e faz com que, por efeito de leis mecanicas, ele seja elevado á superficie num jacto titanico de fogo!

A guerra não; a natureza não a criou, não a favorece, e ela estaria já extincta ou nunca teria existido se sobre o planeta, dominando todas as sociedades que se dizem civilizadas, uma instituição nefasta, abominavel em sua polimorfia, não a mantivesse rediviva, e esta instituição — é o Estado.

A guerra está declarada e sete nações potentes, com uma população de 376 milhões de habitantes, encetam, num frenesi de odios envelhecidos, o preludio da carnificina mais numerosa dos tempos historicos.

E com o espirito pungido pelo conhecimento destes acontecimentos, uma pergunta nos ocorre de maxima actualidade: onde está Haya? que fará nesta emergencia o famoso congresso da paz universal? não poderá impedir a luta cruenta? onde se escondem os diplomatas e titulares que pontificam a paz de consulado? Eclipsaram-se com a rapidez vibratil de um raio de luz ao primeiro troar da rajada... O imponente palacio da paz, edificado com o dinheiro extorquido do proletario pelo explorador Carnegie, repousa no solo artificial da Holanda operosa, acometido do letargo peculiar ás inutilidades.

E' torpe a situação. A França das liberdades, a gloriosa França em cujo seio realizou-se a memoravel revolução de 1793, que abateu o regimen feudal e a influencia omnipotente dos reis de então, alia-se em pleno seculo XX ao csar Nicolau para combater a Alemanha.

O povo francez, lemos nos telegramas da imprensa, anceia por ver seus "Spiess" sulcarem a atmosfera placida que nutriu Goethe, Kant, Nietsche e tantos outros genios; almeja fazer marchar seus batalhões pelas ruas imponentes de Berlim, e sonha hastear com soberania o franco pavilhão, no formidavel monumento de Leipzig!

Nós, porêm, que nunca nos satisfazemos em apreciar superficialmente as convulsões sociais, e sim decompomo-las para bem conhece-las, regeitamos esta afirmação.

O povo, como o entendemos, o verdadeiro povo que é a colectividade dos trabalhadores, em plena harmonia de razão, não apoia a guerra.

O Estado sim; a organização burguesa é quem a promove, e como os defensores das posições politicas, não possuem o valor de morrerem por suas ambições monetarias, procuram os meios e as vitimas ignorantes que por eles se sacrifiquem.

Antigamente o homem ia para o campo de batalha pela mais futil das causas, convicto de que cumpria um dever sagrado; o rei de tal paiz, argumentava-se, injuriou o nosso, e para vingar esse ultrage vamos massacrar milhares dos seus subditos; morria-se, pois, com o conhecimento do porque.

Nos tempos presentes, este metodo é já implaticavel, os governantes podem injuriar-se livremente e ninguem consentirá em ser trespassado pela lamina dum sabre para satisfazer os odios dos tiranos.

O Estado que é arguto, mudou então de tatica: submeteu o ensino, primario e superior a sua tutela, e vai incutindo no espirito do joven sem resistencia esta monstruosa hipnotisação moderna — o amor da patria. Por este amor sagazmente cultivado, o Estado transforma o individuo nascido para ser livre num seu servidor inconsciente.

E' assim que Guilherme II proclama raivoso das escadarias do seu palacio ao publico sugestionado que o ouve: "ide impavidos, alemães! morrei pela patria! *Deus protegerá a Alemanha...*", enquanto em Paris, Poincaré, exprime a mesma ideia em frases diferentes!

São bem singulares estes factos.

A guerra d'agora é um conflito diverso dos que temos conhecido.

Ha pouco tempo a Italia violentou a Turquia, sabiamos a causa. Vitor Emanuel necessitava de expansão territorial, e como o direito não lhe concedia o dominio da Tripolitania, ele conquistou-a pela força; o metodo foi simples e comum.

Em 1903 a Inglaterra espoliava os bravos defensores do Transwaal e apoderou se do solo que cubiçava. O rompimento presente, porêm, não foi ocasionado por nenhuma destas origens costumeiras; a causa complicadissima e moderna que o motivou foi a seguinte: a ambição de preponderancia economica nos mercados mundiais.

Os burgueses britanicos olham com despeito o desenvolvimento maritimo da Alemanha nos anos ultimos; os capitalistas francezes receiam perder pela concorrencia dos seus rancorosos visinhos os lucros fabulosos que auferem da colocação dos seus capitais; os Rothschild imprecam contra a florescencia dos Schneider, e aí está nitidamente os germens da guerra contemporanea: é a luta entre os capitais internacionais na concorrencia da preponderancia comercial, que vai precipitar o numero calculado de 9 milhões de soldados da triplice *entente* contra 6 milhões da triplice aliança, e toda esta matança por amor da patria que os tratados oficiais de instrucção civica preconisam como o maior dever do cidadão!

Nós, com a nossa fé anarquista que exteriorisamos sem receio, condenamos sem restricções, tambem, esta execravel subalternisação do individuo.

Os que acompanham com atenção a evolução rapida das ideias revolucionarias na sociedade europeia, sabem perfeitamente que as mesmas já atingiram um tão alto grau de perfeição que a explosão subita de todas as vontades, a afluirem dos cinco continentes, é uma previsão prestes a efectuar-se.

Portanto, o conflito presente, com a agitação convulsiva das massas, paralisação do trabalho e a miseria fatal que ha de suceder-lhe, oferece uma razão, para, convictos com o nosso postulado, mais uma vez acalentarmos o masculo ideal de revoltados — a proxima acção conjunta de todos os desgostosos, tendente á reforma radical das condições sociais em que vivemos.

**Efren Lima.**

## Comemoração socialista

Em homenagem á memoria de Jean Jaurès, o ilustre militante do partido socialista francez ha pouco estupidamente assassinado, e comemorando o 50.º aniversario da fundação da Associação Internacional dos Trabalhadores, realizou o Centro Socialista Internacional uma sessão solene no sabado passado á noite, no salão da sociedade Dante Alighieri.

Perante uma concorrencia bastante regular, falaram os oradores seguintes: E. Hofmeister, em alemão, dr. Passos Cunha, em portuguez, Valentim Diego, em espanhol, e engenheiro Alcebiades Bertolotti, em italiano, evidenciando todos a obra desenvolvida com dedicação por Jean Jaurès, lembrando a existencia gloriosa da A. I. dos T. e profligrando o grande crime da burguesia arrastando os povos europeus aos horrendos morticinios da guerra actual, sendo fartamente aplaudidos neste ponto pela assistencia, que assim manifestou o seu protesto contra o espectaculo selvagem da canibalesca batalha dos exercitos da burguesia.

## Secção amena

*Num vagão, alguns estudantes troçam dum anafado reverendo, que sufoca sob a colera represada. Por fim, um estudante oferece charutos ao padre:*

*— Não gosta de charuto, reverendo?*

*— De imbecis é que eu não gosto.*

*O estudante, muito amavel:*

*— Vê-se que V. Rev. não é egoista.*

*Fala-se dum tonsurado devasso e cheio de mazelas. Um dos interlocutores observa:*

*— E o costume que ele tem de invocar continuamente o Espirito Santo?*

*— E' natural: o espirito tira as manchas.*

*Um sacerdote abeira-se dum moribundo e pergunta-lhe:*

*— Diga-me: o senhor é protestante ou catolico?*

*— Eu sou nefritico, responde o moribundo, com um gemido.*

## A GUERRA

IV

Quando pensamos na selvagem carnificina que ora assistimos, cheios de espanto, profunda emoção se apossa de nós. Tremenda visão se nos apresenta. Temos a impressão dolorosa de que assistimos aos combates sanguinolentos. Ouvimos o troar da artilharia a espalhar a morte, vemos as cargas da cavalaria e a infantaria a disparar as carabinas, cujas balas levam a morte; os gritos lancinantes dos feridos, os que tombam para todo o sempre, o sangue a se espalhar sinistramente e, depois da vitoria, o incendio, a ruina, a desolação, tal se nos apresenta o espectaculo dantesco da guerra maldita! E' horrivel!

A guerra é o mal! Combatamos a guerra. E' um combate generoso!

Façamos contra este monstro insaciavel — a guerra — uma campanha sem treguas.

V

A guerra faz surgir nos combatentes todos os instintos ferozes que se aninham no coração humano.

O homem se torna então nesse momento verdadeira fera.

A besta humana aparece cheia de odio e rancor. Como diz Scipio Sighele, na *Literatura Tragica*, a alma do heroi e a do bandido são feitas do mesmo barro.

Nos tempos primitivos compreende-se a guerra. E' inconcebivel, porêm, no seculo XX. Mas por mais inconcebivel que seja, o facto é que milhões de homens se degladiam nesse momento, levados ao matadouro por uma concepção erronea da patria. Quanta miseria após! Quanta desolação! Quantas familias sem pão! Quantos orfãos! Quanto luto! Quanta dor! Aqui é uma familia em luta com a miseria, pois a morte lhe arrebatou o chefe. A viuva é moça ainda e os filhos são pequenos. Ali são dois velhos, a chorar a perda do seu filho unico, arrimo de seus pais; consolo de sua velhice. Além é uma desgraçada a quem a guerra maldita arrebatou o noivo estremecido. Além... não vale ensistir!

Nossa pena é frouxa, não pode pintar com vivas cores, não póde senão debuchar tracamente os quadros horrificos da guerra.

Maldita seja a guerra! Maldita seja!

FRANCISCO FERRER

## Comemoração do 13 de Outubro

Comemorando o aniversario do assassinato do grande martir, o Comitê da Escola Moderna realiza no dia 13, TERÇA-FEIRA, ÁS 7 E 1/2 HORAS DA NOITE, UMA SESSÃO DE PROPAGANDA NO SALÃO ITALIA FAUSTA, Á RUA FLORENCIO DE ABREU, 45.

O progr ma dessa comemoração constará de conferencias sobre a obra da Escola Moderna, o ensino racionalista e o actual momento e de recitativos e cantos de hinos escolares pelos alunos das duas escolas.

Todos os amantes da obra abnegadamente sustentada por Ferrer devem comparecer a esta reunião acompanhados de suas familias.

VI

Ha tempos nos encontramos com um conhecido, exaltado partidario dos alemães.

Nessa ocasião parecia que a victoria ia coroar as armas do kaiser sinistro. As tropas germanicas estavam proximas a Paris. "O kaiser é um homem eminente", disse-nos entusiasmado.

"Discordo", respondemos, "não admiro o genio guerreiro, o genio destruidor. Acima do mais habil capitão eu coloco um genio de amor e de paz. Acima do kaiser, coloco Pasteur, Verdi, Goethe, Carlos Gomes, Rome, Koch, Zola." Olhou-nos ironicamente, despediu-se e partiu.

Caminhando pensamos com tristeza que é ainda tão atrazada a humanidade, que um homem inteligente, advogado de nome nesta capital, se deixa ainda fascinar pelo genio guerreiro.

VII

A guerra é o mal. Não é a patria que exige a guerra. Não é a patria a ofendida. Fruto monstruoso da ambição humana é a guerra maldita!

Devemos combater sem treguas o monstro implacavel, que por onde passa leva a ruina, a desolação e a morte! Maldita seja a guerra!...

**Eduardo Vital.**

*Rio, 27 — 9 — 914.*

## VIDA OPERARIA

### S. PAULO

**Sindicato dos Confeiteiros** — Esta associação continua em franco progresso, tendo já distribuido aos sindicados o seu estatuto-caderneta.

Todos os confeiteiros devem prestar o seu concurso á sua agremiação, pois de outra forma não poderarão conseguir a completa unificação da classe, para o que basta a boa vontade e perseverancia daqueles que estão convencidos da necessidade do sindicato de resistencia para conseguir continuos melhoramentos e a completa emancipação da classe.

Na proxima quinta-feira, 15 do corrente, realizará na sua séde social á Ladeira de S. Francisco, 7, uma assembleia extraordinaria para tratar de assuntos que interessam a toda classe.

## BIBLIA VERMELHA

*O pobre é uma necessidade para o rico.* — **Blanqui.**

⁂

*A sacristia, a Bolsa e a caserna são tres antros associados para vomitar sobre as nações a noite, a miseria e a morte.* — **Blanqui.**

⁂

*Para ter alguma autoridade sobre os homens, é preciso diferençar-se deles. E' por isso que os magistrados envergam a toga e os padres a sotaina.* **Voltaire.**

## CINCO DE OUTUBRO

Comemorando o aniversario do belo movimento revolucionario popular que em 5 de outubro de 1910 deitou por terra a carcomida dinastia dos Braganças e estabeleceu a Republica Portuguesa, realizou o Centro Republicano de S. Paulo um sarau literario e musical na noite de domingo, em sua séde social, distinguindo-nos com um convite para assisti-lo.

Agradecidos.

⁂

Tambem o Centro Portuguez 5 de Outubro, de Campinas comemorou o aniversario da Republicana Portuguesa, realizando alvorada ás 4 e 1/2, sessão na séde social e passeata á noite.

Gratos pelo convite que nos enviou.

## De S. João D'El-Rej (Minas)

### A proposito de uma "conversão"

**Ha muito que S. João não nos oferece uma novidade no tocante ás coisas de religião. Tudo aqui continua, inalteravelmente, na mesma: reza-se desde ao amanhecer, beijam-se humildemente as destras dos frades e padres, confessa-se e comunga-se não sabemos quantas vezes por dia e, sobretudo, fala-se e calunia-se a rodo.**

**Ha poucos dias, porêm, quebrando essa quietude conventual, correu celere pela cidade uma grande, uma estupenda novidade: dizia-se aos quatro ventos que um dos mais ilustrados e convictos livres pensadores daqui, actualmente no Rio, em tratamento, se havia convertido abertamente ao catolicismo.**

**Como é natural, não faltou quem, impando de contentamento e de ironia, nos viesse relatar semelhante facto, comentando-o de maneira facil de deduzir.**

**Entretanto, nem sequer por momentos pairou em o nosso espirito a minima duvida de que tudo não passava de pura invencionice, arquitetada pelos nossos inimigos sempre álertas.**

**De facto, quem como nós conhece de perto o espirito alevantado do livre pensador em questão; quem, acompanhando-o, de ha muito, *pari-passu*, tem pleno conhecimento de que as suas convicções repousam sobre bases solidas — não podia, não tinha mesmo direito de pensar de outra fórma. De mais, a maneira por que, dizem, se deu a conversão, é tão pueril, tão ridicula que só não repugnaria a esses espiritos fracos que por aí pululam, e que creem cegamente em quantas balela se lhes impinja.**

**Poder-se-á, pois, conceber que um espirito culto, ponderado, efeito á analise, se tenha deixado levar por tão chata bobice?! Que outros o creiam.**

**Para nós, tal facto (o motivo da conversão) só poderia proporcionar ao dr. R. da S. uma alacre e estridente gargalhada.**

**Muito contente ficariamos, entretanto, se o eminente livre pensador, a quem assacaram tal aleive, viesse, pela imprensa, dizer algo a respeito.**

**Xisto.**

## UMA OBRA IMPORTANTE

Já foi anunciada na *Lanterna* a ideia da publicação da obra de H. Ch. Leu: «Historia da Inquisição na Idade Media», vertido para o portuguez pelo nosso camarada dr. José Oiticica.

Não é necessario insistir sobre o valor dessa publicação. Ela põe nas mãos dos anticlericais, dos livres-pensadores, dos estudiosos da historia, o melhor, o mais completo, o mais autorizado manual sobre o assunto. E' um repositorio admiravel de factos autenticos onde poderá qualquer pessoa aurir episodios eloquentes, aterradores, da acção social da Igreja no concernente á luta contra os herejes.

Essa obra é um elemento formidavel de campanha anticlerical e de estudo da historia.

A sua publicação constituirá um grande passo na propaganda livre-pensadora do Brasil.

A obra será publicada em fasciculos de 60 paginas cada um e que será vendido a 200 réis. Isso permitirá á Liga Anticlerical distribuir uma tiragem de 10.000 exemplares. Para o primeiro fasciculo é mister obter pelo menos tres mil assinaturas.

Contamos com o auxilio dos livre-pensadores e anticlericais do Brasil.

Cada companheiro pode tomar dez assinaturas por 2$000, tendo direito ao primeiro volume de 600 paginas pronto para encadernar. E' facultado a qualquer tomar o numero de assinaturas que entender.

Os companheiros devem ter em mira que, quanto maior for o numero de assinaturas tomadas mais depressa será publicado o primeiro fasciculo.

A Liga Anticlerical aceita, desde já, os pedidos, devendo cada companheiro enviar o seu nome, endereço e o numero de fasciculos que assina.

Toda a correspondencia e pedidos de assinaturas, assim como dinheiro, devem ser endereçados ao companheiro MAXIMIANO DE MACEDO, RUA SETE DE SETEMBRO, 59, SOBRADO, RIO DE JANEIRO.

## Postais iconoclastas

Embora de diferentes maneiras, todas as religiões teem um Deus que elas dizem ter criado o ceu, a terra, os rios, os mares, os animais, as plantas e todos os elementos existentes sobre a terra, e finalmente os homens, á sua imagem e semelhança. Pois bem, todos sabem que as religiões se guerreiam mutuamente. A catolica, apostolica e romana combate a protestante, dizendo que esta não é a verdadeira; a protestante por sua vez diz o mesmo da sua colega a catolica, e assim sucessivamente todas. Ora, deste antagonismo eu tirei a conclusão de que Deus não existe senão na fantasia dos homens credulos ou medrosos.

**Zeferino Oliva.**

## PROTESTO DE UM OPERARIO

**Vai a seguir a carta com que um trabalhador lança o seu protesto contra esse ridiculo e revoltante movimento de filantropia burguesa aqui já bastante comentado.**

**Eis a carta:**

**"Peço ao companheiro redactor um pouco de espaço no seu jornal, porque ele é o unico que poderá abrigar estas minhas palavras.**

**Eu venho protestar contra a pretensa distribuição de esmolas que as comissões dos distritos da cidade dizem estar fazendo e que a imprensa burguesa todos os dias anuncia com o titulo — socorro aos desocupados.**

**E' mentira. Eu tenho tido ocasião de ver visinhos meus, que são trabalhadores e hoje passam fome com os seus filhos por falta de trabalho.**

**A uma familia que precisa não dão nada, á gente famiuta fazem o mesmo, quando a outros, a vadios habituais, a quem ainda tem o que comer, atendem prontamente.**

**Ora, nós não queremos esmolas, queremos trabalho.**

**Disse o promotor da reunião dos jornalistas que embora o governo iniciasse os seus trabalhos, eles não ocupariam senão pedreiros e trabalhadores da terra, deixando portanto sem serviço chapeleiros, sapateiros, tecelões, etc.**

**Eu creio, entretanto, que se trabalharem os pedreiros trabalharão tambem ferreiros, carpinteiros, pintores e consequentemente sapateiros, chapeleiros, etc. Trabalharão chapeleiros porque usamos chapéus e trabalhando poderemos compra-los; trabalharão sapateiros, pois só andamos descalços quando não podemos comprar botinas; trabalharão tambem os tecelões, porque temos necessidade de roupas, das quais nos privamos quando nada ganhamos.**

**A burguesia é assim. Vai acumulando dinheiro e quando está bastante rica, não se importa de, o pretexto da crise, mandar fechar as fabricas e nos pôr na rua.**

**E depois, quando sente a sua riquesa ameaçada, vem com o oferecimento de esmolas!**

**Mas creio que não tardará muito a chegar a nossa vez. Então, unidos, sustentaremos a campanha para a conquista dos direitos que nos foram roubados.**

**Nesse dia deixará de existir a mancha que enegrece a terra e vencerá o nosso ideal de igualdade universal.**

***S. Paulo (Bom Retiro) — Outubro — 914.* F. ESCUDELAIO."**

## A "LANTERNA" EM JAHU'

### A obra nefasta da padralhada

Tenho ainda bem gravado na memoria o que se passou aqui na sexta-feira *santa* do corrente ano.

Assistia o povo, na igreja, á cerimonia do dia, sugestionado pela impressão lugubre do luto de todos os fetiches. Ao terminar esta os imbecis permaneciam como que indiferentes, a espera talvez da ressureição do lenho em figura de homem. E todos iam beijar o santo madeiro, deixando lá os seus magros tostões.

A coisa rendia. Os padres eram diversos, mas um só ficou vigiando a carniça. Os outros tres, entre os quais estava o padre Joaquim do Canto, certamente com a alma cançada, apesar do estimulante sangue de Cristo ainda fumegante... em fórma de vinho, tomaram um automovel e... zás, para a confeitaria. Apeou-se um deles, pediu tres garrafas de champanhe, pagou-as e azularam dali para o convento.

Enquanto isto acontecia o povo jejuava e fazia o sinal da cruz!

E é esse mesmo padre Canto que nas aulas de catecismo lança mão de todos os meios para macular a consciencia da infancia e procura, com promessas de presentes, que os meninos e meninas atraiam para lá, todas as quintas-feiras e domingos, os seus amiguinhos de folguedos.

Com que sentimentos não ficarão as crianças iludidas por esse banditismo moral!

Era preciso que se generalizasse o acto de um cidadão aqui muito conhecido que, percebendo a manha do padre, impediu a volta de seu filho á igreja.

O camelo diante de uma criança sabe se a pessoa a quem ela pertence o recebe de bom grado...

Ah, tartufo, esse é o teu meio de vida! Tal qual como o cigano, que chama o filho para justificar o roubo e o batisa de Pedro-Pegue, tu o batizas de Pedro-Maricas, pois os maricas que preparas gostam de brincar com bonecas...

Está na tua profissão.

Charlatão! Na imbecilidade dos teus tu serás grande, mas no meio dos livres pensadores jámais serás um homem e sim um hipocrita nocivo á sociedade.

**Firmino Gomar.**

## ESCOLA MODERNA N. 1

**Na séde desta escola, sita á rua Saldanha Marinho, 66, terá realização amanhã, ás duas horas da tarde, a anunciada festa escolar, que, como de costume, constará de hinos, recitativos e conferencia, em cujo desempenho tomarão parte os professores e alunos das escolas n.° 1 e n.° 2.**

**Sabemos que por essa ocasião serão cantados diversos hinos novos, que de certo agradarão á assistencia.**

**Para assistirem á modesta festinha são convidados os pais dos respectivos alunos e as pessoas que se interessam pelo desenvolvimento do ensino racionalista em S. Paulo.**



## "La Propaganda Libertaria"

Após algum tempo de interrupção, volta este periodico anarquista a ocupar o seu posto de combate, ainda vago, na propaganda em idioma italiano.

O seu primeiro numero desta nova fase, aparecido na semana passada, vem bem compilado, contendo bons artigos sobre a angustiosa situação presente.

E' de 5$ o preço de sua assinatura semestral.

Caixa Postal, 1336, é a sua direcção.

## NOTA ALHEIA

No seu livro *O Espirito das leis*, publicado em 1748, escreveu Montesquieu estas palavras, que parecem escritas hoje:

«Espalhou-se na Europa uma doença; empolgou os nossos principes e faz com que eles mantenham um numero desordenado de tropas. Essa doença tem os seus redobramentos e torna-se necessariamente contagiosa: porque, logo que um Estado aumenta o que ele chama as suas tropas, logo os outros aumentam as deles; de modo que com isso nada ganham senão a ruina comum».

## Cartas na "Lanterna"

Acham-se nesta redacção a disposição dos interessados as seguintes cartas:

Adolfo Garcia Varella, João Alcantara, Abel Siqueira de Paiva, Manuel Gama, José Rodrigues, Vigario José Augusto Barbeitos, Guilherme Tinelli, Adalberto Feitosa, Tobia Boni, Gustavo Firscher, União Grafica, Gregorio Rodrigues, Domingos Acero, Pablo Ventral, Madalena da Silva.

**«A LANTERNA»**

**Nesta capital é vendida, ao preço de 100 réis, nos seguintes pontos:**

**Agencia de jornais, do sr. Antonio Scafuto, rua 15 de Novembro, 51.**

FOLHETIM DA LANTERNA (39)

CARLOS MALATO

# OS COMUNEIROS

**Tradução especial para 'A Lanterna'**

**PRIMEIRA PARTE**

**O filho de Torquemada**

CAPITULO XVIII

**Na estrada**

— Isto está longe de chegar áquela ceia que comemos no castelo, suspirou o frade.

— Infelizmente! murmurou o capitão, com os olhos umedecidos.

Pois que não havia comida suficiente, bebeu-se. O odre que Paco trouxera cheio do seu ermiterio, já estava menos de meio; mas sob o efeito reconfortante daquelas libações, sossegava o espirito dos dois compadres, dardejava chamas o olhar esmerilado do capitão, expandia-se numa purpura apoplectica a cara do religioso.

Foi neste momento psicologico que eles viram Joana caminhando para eles sem os notar.

O capitão Diego estremeceu. Havia muito tempo que não tinha estreitado nos braços um corpo jovem e flexivel, desalterado em labios de mulher a sua sêde de amor, pois que se sentia ainda homem, apesar de ter passado da juventude. Por isso, mal soltara esta apostrofe em forma de cumprimento: "Caramba! que bonita rapariga!", tinha-se levantado, avançando para Joana de sorriso nos labios e braços estendidos.

A jovem recuou, assustada pela expressão lubrica que iluminava a face daquele desconhecido. Mas já Paco lhe correra para a retaguarda, cortando-lhe a retirada.

— Não vos assusteis, minha filha, disse ele com um sorriso bonachão.

Joana não era medrosa; mas sentiu-se sufocada por uma impressão de irresistivel angustia. Na verdade, andava infeliz, livrando-se do cura Nocedal para cair nas mãos de um soldado e um frade. Este ultimo não era mais tranquilizador do que o companheiro; pelo contrario, a donzela nutria uma desconfiança profunda por tudo o que usava capucha ou burel, decerto por causa do que ela soubera da boca de seu pai a respeito da gente de Igreja.

Paco, uma vez por outra, tambem gostava do belo sexo, embora lhe preferisse a garrafa. A presença de Joana despertara-lhe desejos e ele perguntava a si mesmo porque havia de ceder a prioridade ao seu companheiro, que na verdade começava a tornar-se importuno demais: já lhe bebera metade do vinho e agora lançava as suas vistas sobre a formosa rapariga, como se estivesse sozinho!

— Quinhão para dois! pensou o monge, agarrando, sem mais cerimonias, no braço de Joana.

Esta ultima desprendeu-se numa revolta vigorosa e fulminou com o olhar o franciscano.

— Que me quereis? gritou ela com uma voz em que tremia a indignação.

— Acalmai-vos, minha linda filha, disse Paco com unção, enquanto o capitão resmungava:

— Safa! que feroz virtude!

Estava realmente suberba com o peito erguido e a face ruborizada pela colera. Os dois homens comiam-na com os olhos.

— Senhora, disse Diego com um respeito entre hipocrita e zombeteiro, permiti que me apresente: sou oficial de el-rei nosso senhor, um dos mais valentes, ouso dize-lo, cuja espada fez em pedaços dez vezes mais infieis do que dias tem o ano.

E para dar força a este discurso, o capitão pousou a mão sobre o punho da espada, cofiou o bigode e volveu os olhos para o céu, como que para ali procurar os numerosos inimigos que ele pusera em cacos.

Quanto a mim, disse a seu turno Paco com a sua voz mais insinuante, tenho o poder de vos outorgar a absolvição e indulgencias, mesmo plenarias. Alguns pecados, sempre os tereis cometido?...

— Ordeno-vos que me deixeis, interrompeu Joana violentamente, repelindo com todas as suas forças o frade tartamudeante, cuja mão se adiantava de novo para ela.

Frei Paco rosnou.

— Tomai cuidado! disse ele. Falais a um franciscano, a um homem que traz burel. Oh! este está bem roto, concordo; mas, assim mesmo, não deixou de fazer milagres... Que é isso?

Joana acabava de esbofetear lestamente o capitão Diego que, menos eloquente do que o prègador, mas substituindo os discursos por actos, tentara furtar-lhe um beijo.

O frade desatou a rir largamente, com uma caridade toda cristã; divertia-se muito com a mortificação do seu empreendedor companheiro.

— Tripas do papa! bradou o homem de guerra. Não se ha-de dizer que esta donzela resistiu ao capitão Diego Fulmen Cascador Sandubec y Pudúrez!

E mais formidavel ainda após a enumeração de todos estes apelidos lançados com voz atroadora, avançou de novo para Joana que, desta vez, recuou. Ao recuar, caiu nos braços do frade, que tinha traiçoeiramente caminhado para ela.

Frei Paco teve um ruidoso riso de triunfo apertando contra o peito a moça apavorada, que se debatia em vão. Era ao mesmo tempo o satiro enfebrecido de luxuria e o caçador apoderando-se com transporte da sua presa.

De tudo se esquecera: da sua hipocrisia profissional, da prudencia e até da presença do seu companheiro.

Mas este não tinha feitio para deixar o frade gozar sozinho a sua vitoria. Avançou com os braços estendidos para tomar tambem posse da jovem e resmungou:

— Perdão, reverendo, primeiro estava eu.

— Socorro! a mim! gritava Joana.

Ela multiplicava os seus chamamentos desesperados, apesar de todos os esforços do franciscano para lhe tapar a boca com uma das suas largas e sujas mãos.

A situação, tão critica para ela, não deixava de ser incomoda para os outros dois actores desta scena. Nenhum deles tinha intenção de ceder o que, com ingenuo cinismo, considerava intimamente o "seu direito": Diego o seu direito de prioridade, Paco o seu direito de presa. Imobilizavam-se, neutralizavam-se um ao outro: quanto a Joana, só podia escapar dos braços do frade para cair nos do capitão.

Quanto tempo durou esta scena? Bastante tempo, e decerto se teria prolongado muito mais ainda, pois a prisioneira, ofegante, mas não domada, multiplicava as sacudidas e empuxões para se livrar do abraço de Paco e repelir o de Diego. As fôrças dos dois primeiros, entretanto, deviam acabar por se esgotar, e o capitão, que ainda não recebera senão alguns miudos safanões, calculava consigo que bem poderia vir a ser para ele o beneficio da situação.

Um grito vibrante e um galope precipitado petrificaram os dois homens, subitamente mudados em estatua, e Joana aproveitou o espanto deles para se soltar.

— Padilha! gritou ela, correndo loucamente ao encontro do seu salvador.

Reconhecera-o tanto com o coração como com os olhos. Mal se lhe podia distinguir a face, mas aquela espada nua, chamejando ao sol como o gladio dum arcanjo, aquele penacho altaneiro, flutuando ao vento, e sobretudo aquela fulminante rapidez em acudir á chamada da desgraça, tudo aquilo lhe dizia Padilha.

Era ele com efeito! O cavaleiro não poderia ter deixado de aceitar a hospitalidade do marquez de Mondejar, depois de lhe haver salvado a filha, tanto mais que este convite o enchia de jubilo, por lhe permitir ficar junto de Maria, vê-la, falar-lhe. Padilha ainda não declarara os seus sentimentos ao nobre senhor, pois teria sido contrario aos usos admitidos esse passo dado directamente e logo em seguida ao serviço prestado: seu pai é que, previamente informado e consenciente, tinha de vir falar ao pai de Maria.

*(Continúa.)*

## Biblioteca da "Lanterna,,

Só podemos atender os pedido que venham acompanhados da respectiva importancia.

Retratos de José Nakens, 1$500 réis.
» de Castono Bresci, $500.
Alegoria com o retrato de Forrer, a 1$000 reis.

### EM PORTUGUÊS

Relatorio da Confederação Operaria Brasileira sobre o 1.º e 2.º Congressos Operarios Brasileiros ........ 1$200
Cantos Sociais (diversos autores) ........ $200
Almanaque de *A Aurora* para 1913 ........ 1$000
Almanaque de *O Livre Pensador* ........ $800
Marco A. Pancetti, *Giordano Bruno* ........ $200
Pedro de Mello, *Sonho dantesco* ........ $200
Domingos Zapata, *As 67 celebres perguntas* ........ $200
R. S. Morin, *O espirito da Igreja* ........ $200
Ex padre Guilherme Dias, *O que é o celibato* ........ $200
Nathanael Pereira, *A educação religiosa* ........ $200
Eugéne Pelletan, *A Inquisição* ........ $200
Dr N. Bouby, *O Sagrado coração de Jesus* ........ $200
Monsenhor Sylvestre de Chateaurenard, *O Celibato* ........ 1$200
Neno Vasco, *Da porta da Europa* ........ 2$500
Saturnino Barbosa, *Ensaio de Critica Racionalista* ........ 1$000
Eliseu Reclus, *Evolução, Revolução e Ideal Anarquista* ........ 1$500
Luiz Bulfi, *Greve de Ventres* ........ $200
José Prat, *A burguesia e o Proletariado* ........ $300
Brito Bettencourt, *Catecismo Ateu* ........ $200
José Rizal, *Noli me tangere* ........ $600
H. Malatesta, *Programa socialista-anarquista-revolucionario* ........ $100
Prof. Saturnino Barbosa, *Poema Transcendente* ........ 1$000
B. Peres Galdós, *Electra*, (drama anticlerical em 5 actos) ........ 1$000
Mezza Botta, *O Papa Negro* ........ 2$000
Carlos Dias, *Semeando para Colhêr* ........ $200
Guerra Junqueiro, *A velhice do Padre Eterno* ........ 2$000
Dr. José Oiticica, *Sonetos (1905-1911)* ........ 2$000
Pedro Kropótkine, *O Comunismo Anarquico* ........ $200
Neno Vasco, *Giórgicas* (ao trabalhador rural) ........ $100
Errico Malatesta, *Entre camponeses* ........ $200
Afonso Costa, *Album Popular Brasileiro* ........ 2$000
Chacon Siciliani, *Mentiras Divinas* (cartas aos crentes) ........ 1$700

### EM ITALIANO

Romanzo di una Donna, *Angelo Longaretti* ........ 1$500
Alceste de Ambris, *L'Argentina e l'Emigrazione Italiana* ........ $200
Antonio Labriola, *Del Socialismo* ........ $400
Gaetano Zibordi, *La historia di Federico* ........ $400
Um laico, *La politica eclesiastica in Italia* ........ $300
Giovanni de Nava, *Delinquenza e Misticismo* ........ $200
P. Guarino, *Sole a Scacchi* ........ $400
L. Campolonghi, *Azione Sindicale* ........ $300
G. Stiavelli, *Il Primo Maggio nella letteratura* ........ $400
G. D'Amato, *Ai ragazzi felici* ........ $200
Paul Adam, *Il figliuol prodigo* ........ $200
Francesco Pucci, *Il dovere di organizzarci* ........ $200
F. Niccolini, *Il pane gratuito* ........ $200
Guido Podreca *Il divorzio* ........ $200
Maximo Gorki, *Interviste* ........ $600
» » *Il compagno* ........ $200
Eliseo Reclus, *I prodotti dell'industria* ........ $200
» » *I prodotti della terra* ........ $200
Leda Rafanelli, *Alle madri italiane* ........ $200
Paul Lafargue, *Il diritto all'ozio* ........ $200
Dott. G. C. C., *Guerra all'alcool* ........ $200
G. Pozzi, *Favole ed apologhi socialista* ........ $200
Oreste Ristori, *Polemiche sul l'Anarchia* ........ $300
» » *Operai, non bevete!* ........ $100
Pietro Kropótkine, *L'agricultura* ........ $200
E. De Amicis, *Il socialismo e L'eguaglianza* ........ $100
» » *Consigli e moniti* ........ $100
E. Vandervelde, *Le città Piovre* ........ $200
C. Andrea, *Un Sogno* ........ $100
» » *Il socialismo* ........ $100
C. Monticelli, *Il primo giorno del socialismo* ........ $300
» » *Lo Sciopero* ........ $100
E. Ciacchi, *Ai contadini* ........ $100
» » *Le nostre Leghe* ........ $100
Dott. Biel, *Il socialismo per tutti* ........ $100
O. G. Viani, *Abbecedario dell'economia Sociale* ........ $200
G. Renard, *Agli Studenti* ........ $100
Leopoldo de Fazio, *Canzone vegetale* ........ $300
A. Valente, *Conferenze socialiste* ........ $300
A. G. Paoloni, *Primo Maggio* ........ $100
B. Carlantonio, *Le Istituzioni e la Morale* ........ $100
Ferri e Ciccotti, *Contro la marina militare (discorsi)* ........ $300
» » *Per la riduzione delle spese militari* ........ $300
Resoconto del 1.º *Congresso dei lavoratori della terra* ........ $200

### EM ESPANHOL

*Lo que entiendo por libre pensamiento*, por Francisco Gica ........ $800
*La educacion sexual*, conferencia pela professora Raquel Camaña ........ $400

Em todos os preços acima está incluido o porte de correio.

Folhetos a 200 réis, fóra o porte e registro do Correio:

El Romance Anticlerical, por varios autores (primeiro tomo).
El Pueblo á la Aristocracia, por Pey Ordéix.
A Una Madre, por Ramon Chies.
La Democracia y la Inglesia, por Potvin.
La libertad de enseñanza, por Edmundo Gonzalez.
Sonetos Piadosos, por varios.

### EM FRANCÊS

JeanGrave, *Si j'avais á parler aux Electeurs* ........ $100
André Girard et M. Pierrot, *Le Parlementarisme contre l'Ation Ouvriére* ........ $100
Pedro Kropotkine, *L'Esprit de Révolte* ........ $200

## "DA PORTA DA EUROPA"

FACTOS E IDEIAS

A questão religiosa
A questão politica
A questão económica

1911-1912

*Colecção de crónicas do nosso colaborador Neno Vasco:*

Apesar do titulo — que é o das crónicas do nosso colaborador neste jornal — apenas um têrço deste livro é que é constituido por algumas das cartas enviadas para a *Lanterna*. O resto é desconhecido para os nossos leitores.

* * *

Preço, livre de porte, 2$500.



## Escola Moderna N. 2

### Ensino Racionalista

Scientificamos ás familias que se acha instalada no predio da rua Oriente, 166 a Escola Moderna n.º 2, criada sob os auspicios do Comité pró Escola Moderna.

***

Esta Escola servir-se-ha do metodo inductivo demonstrativo e objectivo, e basear-se-ha na esperimentação, nas afirmações scientificas e raciocinadas, para que os alunos tenham uma ideia clara do que se lhes quer ensinar.

MATERIAS:

As materias a serem iniciadas, segundo o alcance das faculdades de cada aluno, constarão de — *leitura, caligrafia, gramatica, aritmetica, geometria, geografia, botanica, zoologia, mineralogia, fisica, quimica, fisiologia, historia, desenho, etc.*

Horario: das 12 da manhã ás 4 da tarde.

A inscrição de alunos acha-se aberta das 10 ás 12 horas da manhã e das 4 ás 6 da tarde.





## Escola Moderna N. 1

PARA MENINOS E MENINAS
Á RUA SALDANHA MARINHO, 66
S. PAULO (BELEMZINHO)

*Instituto de educação e instrucção segundo o metodo racionalista, mantido pela Sociedade Escola Moderna de S. Paulo*

Presentemente instalada em predio que reune as condições exigidas pela higiene, a Escola Moderna n. 1 acha-se funcionando com regularidade, tendo boa frequencia de alunos, cuja inscrição para a matricula é feita mediante a contribuição mensal de 3$000 para os de cartilha e de 4$000 para os mais adiantados.

Faz parte do objectivo desta escola, tambem, atrair a atenção dos pais dos alunos para a obra de educação e instrução segundo o metodo racionalista, e nesse proposito são realizadas pelo respetivo professor, todos os mezes, festas escolares, constantes de conferencias sobre assuntos educativos e sociais, hinos e recitativos escolares.

HORARIO

*Aula diurna:* das 11 ás quatro horas da tarde.

Aos sabados a aula termina á uma hora ou duas da tarde, logo após á volta do passeio campestre feito pelos alunos.

*Aula noturna:* das sete ás nove da noite, todos os dias, menos aos sabados.

PROGRAMA

O programa com que foram iniciados seus trabalhos consta de portuguez, aritmetica, geografia, historia e principios de sciencias naturais.

O seu programa, todavia, como está determinado, será ampliado de acôrdo com as necessidades futuras e com a aceitação que o ensino racionalista for merecendo da parte dos homens livres da capital e do interior do Estado.

O director,

Prof. João Penteado.

### LA BATAILLE SYNDICALISTE

10, BOULEVARD MAGENTA — PARIS

Interessante diario sindicalista revolucionario.

Colaboradores: Merrheim, Monatte, Harmel, Roudine, F. Delaisi, James Guillaume, Malato, Laisant, S. Faure, Madalena Vernet, Griffuelhes, Jouhaud, Yvetot, Vigné d'Octon, etc.

| | |
|---|---|
| Um ano | 31 francos |
| Meio ano | 16,50 » |
| mezes | 9 » |

## AOS ASSINANTES DO RIO

*Aos nossos assinantes do Rio, onde a cobrança é muito dificil, devido ás grandes distancias de um ponto a outro da cidade, pedimos que paguem a importancia de suas assinaturas na séde da Liga Anticlerical, á rua do Areal, 38, onde todas as noites, das 19 ás 22 horas, encontrarão o nosso representante Maximiniano de Macedo.*



TODO O TRABALHADOR DEVE LER E AUXILIAR

## "A VOZ DO TRABALHADOR"

### Orgam da Confederação Operaria Brasileira

Publicação quinzenal

Conta com a colaboração dos mais conhecidos militantes do campo operario do paiz e publica inqueritos, relatorios e noticias sobre o que de mais importante se passa na vida das associações dos trabalhadores do Brasil e a sua obra de educação, de propaganda e de reivindicação. Ocupa-se tambem da vida obreira internacional.

Condição de assinatura: 1 ano 5$000; 1 semestre, 3$000. Pacotes, a 50 reis o exemplar

ENDEREÇO: CAIXA POSTAL, 1427 — RIO DE JANEIRO.

(Pede-se a reprodução desta publicação aos jornais amigos do paiz)

## A INQUISIÇÃO

Folheto de 32 paginas em que são relatadas as hediondas scenas que eram levadas a efeito nos antros do Santo Oficio. Folheto utilissimo á nossa propaganda.

PREÇOS:

| | |
|---|---|
| Um exemplar | 200 |
| 10 exemplares | 1$500 |
| 50 » | 6$000 |
| 100 » | 10$000 |

Os pedidos devem vir acompanhados das respectivas importancias.



## A "Lanterna" no R. G. do Sul

São representantes da *Lanterna* no adiantado Estado gaucho, onde a nossa propaganda estende-se animadoramente, os seguintes correligionarios:

*Em Porto Alegre* — Sr. Oldemar Carvalho, Ladeira 56-A;
*Em Pelotas* — Sr. Tomaz da Costa, rua General Argolo, 366;
*Em Jaguarão* — Sr. Francisco Verissimo Alves;
*Em Bage* — Amantino O. Santos
*Em Rio Grande* — Sr. Manoel João Pereira (Bijou da Moda).

Com estes amigos poderá ser tratado tudo quanto se refira ao nosso jornal.

## A "LANTERNA" NO RIO

é encontrada á venda nos seguintes pontos:

CAFE' CRITERIUM, largo do Rocio, 32
Rua Salvador de Sá, 48, esquina da rua Visconde de Sapucahy, engraxate.
Rua da Assembléa, 29, esquina da rua do Carmo, engraxate.
Rua Gonçalves Dias, 78, agencia do sr. Braz Lauria.
Avenida Passos, 122, engraxate.
Estação Central, com o sr. Paschoal Mauro.
Largo da Lapa, 112 com o sr. Jannario Bruno.
Rua Uruguayana, 110, esquina da rua do Rosario, engraxate.
Rua Marechal Floriano Peixoto, 60, engraxate.
Avenida Mem de Sá, esquina da rua Lavradio com o sr. Caruso Compas.
Largo da Carioca, 20, com o sr. Paschoal Trote.
Rua Marechal Floriano, 226, engraxate.

## ENTRE CAMPONESES

### de Errico Malatesta

Preços, livres do porte do Correio

| | |
|---|---|
| 500 exemplares | 60$000 |
| 300 » » | 41$000 |
| 100 » » | 14$000 |
| 50 » » | 7$000 |
| Avulso | 200 |

Não poderão ser satisfeitos os pedidos que não vierem acompanhados das respectivas importancias.







## CATECISMO ATEU

Pelo correio:

| | |
|---|---|
| 100 | 12$000 |
| 50 | 6$500 |
| 25 | 3$500 |
| 1 | $200 |

Na redacção:

| | |
|---|---|
| 100 | 10$500 |
| 50 | 5$500 |
| 25 | 3$000 |
| 1 | $200 |

## MENTIRAS DIVINAS

CARTAS AOS CRENTES

De Chacon Siciliani

*Só com estudo e raciocinio se chega á verdade.*

E' um excelente livro de propaganda anticlerical e antireligiosa, escrito em linguagem clara e em forma persuasiva, trazendo na capa uma expressiva ilustração em tricromia.

Um volume de 112 paginas, 1$700

## Coleções completas da "Lanterna"

*Apresenta-se agora uma excelente e unica ocasião para os amigos da Lanterna adquirirem a coleção completa dos seus quatro anos de publicação, pois resolvemos vender as que ainda nos restam.*

*Dispomos apenas de sete, que serão vendidas a 50$, os quatro anos da presente fase, encadernadas em capa cartonapa.*

*Só serão satisfeitos os pedidos que vierem acompanhados das respectivasimportancias.*

### LES TEMPS NOUVEAUX

4, RUA BROCA — PARIS (V)

Importante semanario comunista-anarquista com suplemento literario.

| | |
|---|---|
| Um ano | 8 francos |
| Meio ano | 4 » |
| 3 mezes | 2 » |